Rodrigo Cantarelli

Contra a Conspiração da Ignorância com a Maldade

A Inspetoria de Monumentos de Pernambuco



Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

Contra a conspiração do silêncio com o esquecimento

Mário Chagas*

O livro de Rodrigo Cantarelli - *Contra a conspiração da ignorância com a maldade: a Inspetoria de Monumentos de Pernambuco* - é raro, denso e claro.

O autor é um jovem e dedicado pesquisador, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco, com formação em arquitetura e genuíno interesse interdisciplinar. É esse seu interesse, transformado em prática cotidiana, potencializado por estudos sistematizados e articulado com a cultura institucional, que, de modo decisivo, contribui para a sua desenvoltura nos campos das ciências sociais e humanas.

O livro de Rodrigo (para além da rima) é raro; não no sentido de ser difícil de encontrar, de ser escasso, de ser obra rara, mas no sentido de ser incomum, infrequente, invulgar e singular. Raramente encontra-se um livro como esse, um livro que inova e que é capaz de trazer para a contemporaneidade um olhar criativo sobre um tema que se considerava sabido. É nesse sentido que o livro é raro.

O livro *Contra a conspiração da ignorância com a maldade: a Inspetoria de Monumentos de Pernambuco* é denso; não no sentido de ser pesado, carregado, fechado, enfadonho, mas no sentido de ser intenso, de estar embasado e provido de muitas informações. Trata-se de um livro que resultou de pes-

* Poeta, museólogo, Doutor em Ciências Sociais, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), assessor cultural do Museu da República, consultor e conselheiro de vários processos de museus comunitários.

quisa desenvolvida ao amparo do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, PPGPMUS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio, pesquisa de fôlego, consistente, consequente e aprofundada. Essa pesquisa acessou fontes primárias, documentos inéditos, abriu novos horizontes de investigação e contribuiu para uma nova configuração da historiografia patrimonial e museal. É nesse sentido que o livro é denso.

O livro que o leitor enfrenta como um desafio (que para ser vencido é preciso ser lido) é claro; não no sentido de ser fácil, de ser simples ou singelo, mas no sentido de ser possuidor de luz, de clareza, de ser iluminado e iluminador. É bom encarar um livro que prima pela boa apresentação, pela boa linguagem e que apresenta um conjunto de ideias criativas, alumiadas e originais. É nesse sentido que o livro é claro.

O livro do jovem e potente pesquisador é raro, denso e claro. E, por isso e por mais ainda, é motivo de alegria e orgulho para mim, assim como penso que seja ou deva ser motivo de alegria e orgulho para a Fundação Joaquim Nabuco e para o Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Unirio.

Dizer que o livro de Rodrigo Cantarelli é claro, denso e raro é dizer muito, mas não é dizer tudo. O seu livro tem outros méritos e valores que o próprio leitor há de descobrir.

Para além dos adjetivos até agora acessados eu gostaria de registrar que o trabalho de Rodrigo Cantarelli configurou-se como uma investigação contra a conspiração do silêncio com o esquecimento. De modo mais claro: ao debruçar-se sobre o tema da Inspetoria de Monumentos, incluindo aí o Museu do Estado, Rodrigo colaborou decisivamente para a superação do silêncio e do esquecimento que pairavam sobre uma experiência pioneira desenvolvida no estado de Pernambuco e que, em 1929, foi comentada de maneira elogiosa por Gustavo Barroso e Mario de Andrade. Dessa forma, o trabalho de Rodrigo aporta uma contribuição singular e inovadora para a historiografia da preservação do patrimônio e da prática museal no Brasil.

Ao dedicar-se à análise da Inspetoria e do Museu do Estado de Pernambuco, a partir de um discurso que denunciava e combatia *a conspiração da ignorância com a maldade*, Rodrigo produziu uma metáfora capaz de acionar uma crítica potente aos estudos que se dedicam à história da preservação patrimonial no Brasil e adotam as ações e construções políticas do governo Vargas como os únicos marcos que merecem atenção e exame; crítica esta que se estende aos estudos sobre a história dos museus que, grosso modo, tomam como referência e concentram-se nos denominados museus nacionais.

Nas palavras do pesquisador:

> *as referências bibliográficas existentes sobre a história da preservação no Brasil, bem como dos museus, possuem um olhar muito federal, muito centrado nas ações ocorridas nos grandes museus e no Rio de Janeiro, vinculada estritamente com a atuação do Sphan ou das grandes instituições museológicas. As ações regionais, como as impetradas por Anníbal Fernandes, são pouco conhecidas e valorizadas (...).*

É nesse sentido que digo que o livro do Rodrigo opera contra a conspiração do silêncio e do esquecimento e estimula a realização de estudos aprofundados sobre as demais ações pioneiras, bem como de outros temas patrimoniais e museais. A Inspetoria dos Monumentos Nacionais, criada por Gustavo Barroso, em 1934, possivelmente inspirada na de Pernambuco, que funcionou de 1929 a 1933, foi estudada por Aline Montenegro Magalhães que muito contribuiu com a pesquisa que resultou no presente livro.

O tirocínio, a sensibilidade e a perspicácia do jovem pesquisador levaram-no a identificar documentos da maior importância, desde fotografias, cartas, artigos publicados em jornais, relatórios, inventários e outras fontes; tudo isso contribuiu para uma visão mais aprofundada e complexa do seu objeto de estudo. Foi por esse caminho que ele pode compreender a disputa pública, intelectual e política, travada entre Anníbal Fernandes (com o apoio

de Gilberto Freyre) e Mário Melo envolvendo o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, a Inspetoria de Monumentos e o Museu do Estado.

Além da qualidade e da originalidade das fontes primárias acessadas, Rodrigo Cantarelli dialogou com um conjunto expressivo de autores e mostrou-se atualizado no que se refere à produção bibliográfica contemporânea. Como poucos, o seu trabalho alimenta o diálogo entre os campos museal e patrimonial, compreendendo que eles *ora se casam, ora se divorciam, ora se interpenetram, ora se desconectam e que por vezes um absorve e devora o outro.*

Contra a conspiração do silêncio com o esquecimento ergue-se o livro de Rodrigo Cantarelli.